

## O PAPEL DA PONTUAÇÃO NA PRODUÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO LITERÁRIO

*Tania Maria Nunes de Lima Camara<sup>1</sup>*

A experiência de sala de aula, como professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio, tem com frequência mostrado o quanto é necessário rever alguns procedimentos bem como estabelecer novas metodologias no ensino da língua materna, no sentido de fazer dessa língua um objeto de estudo não só prazeroso como também um instrumento eficiente e eficaz para a leitura, a compreensão e a produção de textos de diferentes gêneros.

Se, até meados dos anos 60, o ensino de Língua Portuguesa se orientava por uma perspectiva gramatical que parecia adequada naquele momento, pelo fato de os alunos que freqüentavam a escola já dominarem uma variedade lingüística próxima à de prestígio social, a mudança da população escolar revelou que tal modelo passou a mostrar-se pouco eficiente, dada a falta de domínio em relação à norma padrão pelo novo contingente de alunos que veio a freqüentar a escola.

A necessidade de mudar o enfoque do ensino da língua fez com que diferentes abordagens surgissem ao longo dos últimos anos. Do tecnicismo que marcou os anos 70, quando a língua assumiu a condição de simples instrumento de comunicação, visão exata que resultou no ensino de técnicas de redação, exercícios estruturais e treinamento de habilidades de leitura, esforços para mudanças no ensino vêm sendo feitos, manifestados através de políticas educacionais.

Desde os anos 80, o ensino da Língua Portuguesa tem sido o centro da descrição acerca da necessidade de melhorar a educação no país, do ensino fundamental ao universitário. No ensino fundamental, os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar os alunos a ler e escrever. No nível universitário, a dificuldade de os alunos, muitas vezes, compreenderem os textos propostos para leitura e de organizarem idéias por escrito tem-se apresentado uma realidade enfrentada, inclusive no curso de Letras.

Vários estudos realizados vêm apontando caminhos para o ensino da Língua Portuguesa, e observa-se haver um consenso entre estudiosos e pesquisadores de que tal ensino deve pautar-se em dois eixos principais: leitura e escrita. Tal posição está presente também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que consideram ser o texto a unidade básica do ensino da língua.

Sabemos, porém, não ser essa a realidade que se mostra freqüente na sala de aula. O conteúdo gramatical continua a ocupar o centro das aulas, totalmente desvinculado, por exemplo, da produção escrita. Sobre o trabalho com o texto, funciona este, com freqüência, como mero pretexto para a abordagem de tópicos gramaticais. Cabe ainda considerar que, especialmente no ensino médio, professores distintos, e nem sempre afinados na maneira de ver o ensino da língua, ministram separadamente Gramática, Literatura e Redação. Essa tripartição, especialmente quando ocorre a falta de sintonia metodológica entre os professores, dificulta, e muito, a visão global do aluno, na medida em que isola a gramática da leitura e da produção textual; o texto literário, então, normalmente é tratado como um mecanismo à parte, com se ele não se construísse com base na gramática da língua: pela confirmação das regras ou pelo desvio de valor estilístico.

A partir dessas questões expostas, mostra-se imperiosa a necessidade de fazer com que o aluno perceba a relação estreita que existe entre o conhecimento gramatical, a leitura e

---

<sup>1</sup> CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA (UNISUAM)

a produção escrita. Gramática não como um fim, mas como um meio através do qual o aluno desenvolve sua capacidade de expressão, assumindo uma postura cidadã. Não um emaranhado de regras que aprisiona e tolhe o uso, mas um instrumento vivo e rico, capaz de ser administrado de maneira funcional e criativa.

Vale, no entanto, destacar que mudanças estão efetivamente ocorrendo; professores conscientes da importância dessa mudança metodológica vêm garantindo a adoção de novos procedimentos.

Uma questão, porém, nos inquieta: o que ocorre com o estudo dos sinais de pontuação? Na sala de aula, ao trabalhar com textos, o aluno, na maioria das vezes, faz observações acerca do conteúdo, o que normalmente é chamado de "interpretação do texto". Em raros momentos, fatos gramaticais são destacados na leitura como fatores de textualidade, ou seja, no seu entender, gramática e texto não se relacionam. E quase nunca a pontuação desperta-lhe o interesse.

Tal procedimento parece ser reflexo da própria maneira como o texto é tratado em sala pelo professor, que também, muitas vezes, não considera essas questões. Além disso, o pequeno número de questões de provas e testes envolvendo o emprego dos diferentes sinais gráficos confirma a pouca atenção que é a eles dispensada.

Aspectos ligados à pontuação vêm despertando o nosso interesse e a nossa curiosidade já há algum tempo. A necessidade de estabelecer um olhar mais cuidadoso para esse tópico mostra-se essencial, dado o importante papel que desempenha na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Entendemos, pois, que, o mesmo quadrante da funcionalidade e da criatividade que alguns fatos gramaticais e semânticos ocupam, deve também ser ocupado pela pontuação. Daí, mostra-se essencial estabelecer um olhar mais cuidadoso em relação à pontuação, dado o importante papel que ela desempenha na produção de sentido.

No dizer do professor Evanildo Bechara, os sinais de pontuação "constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e de aprendizado." (BECHARA, 1999).

Ao levar em conta os livros didáticos adotados com mais frequência nas escolas de ensino médio, percebemos que a preocupação maior é a memorização de regras sintáticas no emprego dos diferentes sinais: os casos de uso obrigatório e proibido da vírgula e do ponto-e-vírgula, o emprego das aspas, do ponto de exclamação, entre tantos outros enumerados. Embora costumem iniciar o estudo da pontuação, estabelecendo sua relação com a oralidade, fica evidente, na explicitação das regras apresentadas, que a relação entre o oral e o escrito acaba por perder-se, uma vez que critérios sintáticos são assumidos como os únicos cabíveis. A entoação, o ritmo sintático da fala são desconsiderados, o que acaba por dificultar a visão mais ampla que o aluno deveria apresentar no contato que estabelece com o texto escrito, tanto na condição de leitor quanto na de produtor.

Tal procedimento, como bem demonstram as avaliações escolares em diferentes níveis, não tem garantido resultados satisfatórios, considerando-se as últimas pesquisas realizadas, que buscaram determinar a capacidade de compreensão que o aluno demonstra daquilo que lê, além das já costumeiras referências às dificuldades reveladas na escrita, em especial nas respostas dadas às questões de provas discursivas.

Estando, pois, preso ao padrão sintático que o livro didático lhe oferece como referência, dificilmente o professor aborda a finalidade estética do uso da pontuação, tão presente nos textos em que essa finalidade se apresenta como objetivo maior. Os usos "inesperados", presentes nos textos literários, costumam ser apresentados como "licença poética", rótulo no qual tudo acaba por vir a caber.

Diante desse fato, é muito comum ouvirmos do aluno questionamentos acerca do emprego de alguma vírgula, de algum ponto fora dos lugares a eles determinados pelas

gramáticas tradicionais. Daí advêm comentários, tais como: "Autor famoso pode usar desse modo; se eu usasse na minha redação, estaria errado!".

Realmente não pode ser outra, senão essa, a conclusão a que o aluno vai chegar sobre o emprego dos sinais de pontuação: ele, aluno, que foi, todo o tempo, obrigado a decorar regras de uso dos sinais de pontuação; que teve sua redação corrigida sempre que não obedecia a essas regras, num dado momento, vê-se diante de um texto que contraria muito daquilo que lhe foi ensinado, apresentado de maneira tão positiva, tão elogiosa pelo professor. Pergunta-se: o aluno está errado na sua observação? Certamente que não. Para ele, somente aos escritores, seres dotados de um poder supremo, é dado o poder de efetuar as escolhas que melhor lhes aprouver; é dado o direito de obedecer ao padrão ou de subvertê-lo. O que se vê, nesses casos, são procedimentos diferentes, como que saindo de uma cartola mágica, colocados nas mãos do aluno, que, em nenhum momento anterior, sequer ouvira sobre tais possibilidades de uso.

Não sabe, pois, o aluno que qualquer falante que domina a estrutura e as idiosincrasias de sua língua é capaz de fazer desta o uso que julgar mais adequado à situação na qual se encontra como autor: na produção de um texto científico ou de um texto burocrático, sua postura será uma; em se tratando de um texto literário, será outra atitude.

Ao lado desse cuidado, vale dizer ainda que, no trabalho com textos em sala, em atividades de leitura, de compreensão e de interpretação, seja com textos literários ou não-literários, o uso que os autores fazem dos sinais gráficos não costuma ocupar lugar de destaque. Poucas são as vezes em que o professor conduz seu trabalho visando relacionar a pontuação à produção do sentido do texto em pauta; destacar o ritmo como efeito do uso dos sinais; chamar a atenção para o uso literário da pontuação. Por conseguinte, dificilmente o aluno, por si só, poderá perceber a relevância dos diferentes usos, e, muito menos, transferir para o texto que produz esses recursos.

Voltando aos livros didáticos, os exercícios apresentados normalmente conduzem-no a "pontuar convenientemente!" frases apresentadas, que nenhuma relação de sentido estabelecem entre si. Portanto, ver a pontuação no texto, como fator responsável pela produção de sentido, mostra-se distante, dado que o universo apresentado não ultrapassa o limite da frase. Não sendo o texto um conjunto aleatório de frases, mas um todo organizado no qual estas se relacionam de maneira coerente nos planos micro e macro textual, a dificuldade que encontra com a pontuação no texto mostra-se evidente.

Diante desse quadro, cabe, portanto, ao professor apresentar condições para que tais problemas possam ser resolvidos e, a partir daí, fazer com que o aluno possa melhorar seu desempenho com o leitor e como autor, dando à pontuação o destaque que o assunto efetivamente deve ter.

No texto literário, a questão estética, a expressividade do uso dos sinais gráficos não podem ser relegadas. Segundo Coseriu, se há no discurso literário um desvio proposital da norma, seu efeito, além de agradável ao leitor, é essencial à tessitura da obra. Assim sendo, vírgulas, pontos de exclamação, reticências, colocados fora dos padrões sintáticos habituais, não podem ser desconsiderados, uma vez que são determinantes na produção de sentido do texto.

Entendido como recorte de uma realidade, em um determinado momento histórico, a partir de dadas condições de produção, o texto materializa todos esses fatores condicionantes. No caso específico da pontuação, ao lado do padrão sintático-semântico, não é possível desconsiderar o modelo rítmico-semântico, presente em textos consagrados.

É importante observar que o atual uso lógico-gramatical dos sinais de pontuação é herança do Renascimento, que desconsiderou um emprego preferentemente subordinado ao perfil melódico da cadeia falada e às pausas respiratórias mais nítidas. Assim sendo, a

desconstrução de um modelo atual estabelecido, muito longe de poder ser visto como simples subversão, traz, na essência, o resgate de outro padrão anteriormente considerado.

Alguns exemplos podem ser considerados a fim de ilustrar o que vimos afirmando.

Além do seu nome próprio de José, o Sr. José também tem apelidos, dos mais correntes, sem extravagâncias onomásticas, um do lado do pai, outro do lado da mãe, segundo o normal legitimamente transmitidos, como poderíamos comprovar no registro de nascimento existente na Conservatória se a substância do caso justificasse o interesse e se o resultado da averiguação pagasse o trabalho de confirmar o que já se sabe. No entanto, por algum desconhecido motivo, se é que não decorre simplesmente da insignificância da personagem, quando Sr. José se lhe pergunta com se chama, ou quando as circunstâncias lhe exigem que se apresente, Sou Fulano de Tal, nunca lhe serviu de nada pronunciar o nome completo, uma vez que os interlocutores só retêm na memória a primeira palavra dele. José, a que depois virão a acrescentar, ou não, dependendo do grau de confiança ou de cerimônia, a cortesia ou familiaridade do tratamento. Que, diga-se já, não vale o de senhor tanto quanto em princípio pareceria prometer, pelo menor aqui na Conservatória Geral, onde o facto de todos se tratarem dessa maneira, desde o conservador ao mais recente dos auxiliares de escrita, não tem sempre o mesmo significado na prática das relações hierárquicas, podendo mesmo observar-se, nos modos de articular a breve palavra e segundo os diferentes escalões de autoridade ou os humores do momento, modulações tão distintas como sejam as de condescendência, da irritação, da ironia, do desdém, da humildade, da lisonja, o que mostra bem a que ponto podem chegar as potencialidades expressivas de duas curtíssimas emissões de voz que, à simples vista, assim reunidas, pareciam estar a dizer uma coisa só.<sup>2</sup>

No trecho acima, de José Saramago, encontramos muitas semelhanças com textos medievais, especialmente pela disposição em blocos e pelo uso peculiar da pontuação. O emprego do ponto final, por exemplo, deixa nítida a intenção de fechar o conjunto de idéias afins. O ponto final aparece, pois, como se fosse a marcação de um parágrafo, ainda que não haja mudança de linha, tal qual se faz atualmente,

O fragmento abaixo remete a outra consideração.

Estando tão ocupada, viera das compras de casa que a empregada fizera às pressas porque cada vez mais matava serviço, embora só viesse para deixar almoço e jantar prontos, dera vários telefonemas tomando providências, inclusive um difícilimo para chamar o bombeiro de encanamentos de água, fora à cozinha para arrumar as compras e dispor na fruteira as maçãs que eram sua melhor comida, embora não soubesse enfeitar uma fruteira, mas Ulisses acenara-lhe com a possibilidade futura de por exemplo embelezar uma fruteira, viu o que a empregada deixara para jantar antes de ir embora, pois o almoço estivera péssimo, enquanto notara que o terraço pequeno que era privilégio de seu apartamento por ser térreo precisava ser lavado,

---

<sup>2</sup> SARAMAGO: 1997, p.19-20

recebera um telefonema convidando-a para um coquetel de caridade em benefício de alguma coisa que ela não entendeu totalmente mas que se referia ao seu curso primário, graças a Deus que estava em férias, fora ao guarda-roupa escolher que vestido usaria para se tornar extremamente atraente para o encontro com Ulisses que já lhe dissera que ela não tinha bom-gosto para se vestir, lembrou-se de que sendo sábado ele teria mais tempo porque não dava nesse dia as aulas de férias na Universidade, pensou no que ele estava se transformando para ela, no que parecia querer que ela soubesse, supôs que ele queria ensinar-lhe a viver sem dor apenas, ele dissera uma vez que queria que ela, ao lhe perguntarem seu nome, não respondesse "Lóri" mas...<sup>3</sup>

Em Clarice Lispector, diferente de Saramago, a ausência da pontuação lógico-formal remete a outra questão. Nela o fluxo desordenado do pensamento, representado pela superposição de idéias díspares e "ilógicas", é uma das justificativas da escolha.

Desse modo, o "uso dos sinais de pontuação" implica também sua supressão. Mário de Andrade é outro autor que utiliza tal recurso. A enumeração de elementos da mesma espécie, sem separação por vírgulas, dá unidade ao conjunto, além de sugerir grande quantidade daquilo que é enumerado, o que é plenamente compatível com o quadro que o autor apresenta.

Todos os seres do mato espiavam assombrados. O jacareúna o jacutinga o jacaré-açu o jacaré ururau de papo amarelo (...) Nos ramos das ingazeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cauta o barrigudo o caseuí o caiçara...<sup>4</sup>

Em Lygia Bojunga, percebe-se um emprego de reticências e de dois-pontos muito afastado da tradição gramatical. Na qualidade de portadores de sentido, segundo Catach (1994), a oralidade, a intimidade com o referente, o tom confessional ligado à exteriorização psíquica servem como justificativas para o uso que a autora faz dos sinais gráficos.

Um mês,  
Dois, três, quatro... cinco...  
... seis...  
E aí começou a saudade. Não é à-toa que saudade é uma palavra difícil de traduzir: ela é tão dada a se disfarçar, se esconder, que, às vezes, a gente leva tempo para sacar que não foi espinho que entrou na pele: foi saudade; não é gripe que ta moendo o corpo: é saudade, será que é defeito de vista a mancha que deu para enevoar a paisagem?  
Não: é ela: a saudade.  
(...)  
E pros amigos que iam me ver e pediam notícias do caso....  
– Como é? Você vai continuar longe dele?  
... eu saía pela tangente...<sup>5</sup>

<sup>3</sup> LISPECTOR: 1976, p.9

<sup>4</sup> ANDRADE: p.49

<sup>5</sup> BOJUNGA: 1999, p.36

O grau máximo de ruptura em relação a um padrão determinado ocorre no trecho a seguir

Brás Cubas..... ?  
 Virgília .....  
 Brás Cubas.....  
 .....  
 Virgília..... !  
 Brás Cubas.....  
 Virgília.....  
 ..... ?  
 .....  
 Brás Cubas.....  
 Virgília .....  
 Brás Cubas.....  
 ..... !  
 ..... !  
 ..... !  
 Virgília ..... ?  
 Brás Cubas..... !  
 Virgília..... !  
 .....

6

Em Machado de Assis, no capítulo transcrito acima, a pontuação **É** o texto: a substituta plena da palavra. O sentido constrói-se a partir da distribuição dos sinais gráficos e da relação que estabelecem entre si, relacionados aos personagens envolvidos. A extensão das reticências e os demais sinais empregados são, por si sós, capazes de fazer com que o leitor recupere o conteúdo sugerido, com base no conhecimento partilhado de mundo. A pontuação expõe, por si só, o conteúdo.

Conclui-se, pois, que, no caso específico do texto literário, mostra-se freqüente uma atitude caracteristicamente pessoal do uso da pontuação, na produção de efeitos expressivos. Proceder o autor dentro de um padrão sintático-semântico ou rítmico-semântico, ao pontuar o texto, ou não fazer uso de qualquer sinal gráfico, dependerá da intenção daquele que produz o texto.

A maneira como a pontuação é normalmente trabalhada impede que o aluno perceba tais questões, já que, fora do espaço da memorização de regras, praticamente nada existe que possibilite a reflexão sobre as escolhas dos autores.

Fica, assim, o aluno impedido de **saborear** o texto, de deliciar-se com os recursos utilizados e de ver-se capaz de também produzir textos tão ricos e envolventes, se este for o seu propósito.

Não sejamos nós, professores preocupados com tais questões, os responsáveis por esses impedimentos desastrosos. Não privemos nossos alunos do direito de conhecer, da maneira mais plena possível, a riqueza dos recursos de que é dotada a nossa língua.

A abertura para diferentes padrões de uso é, pois, plenamente justificada. Não é possível imaginar o ato criador preso a uma camisa-de-força gramatical, o que significaria fechar, cristalizar a criação de tal modo que o criador nada mais seria do que um mero repetidor.

<sup>6</sup> COUTINHO: 1992, p.570

Portanto, do mesmo modo que existe uma língua literária dentro da escrita corrente, existe uma pontuação literária dentro do sistema de pontuação corrente. A intenção de quem produz o texto é que vai determinar o uso da pontuação e esse procedimento deve ser levado sempre em conta pelo professor nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente quando o objeto de estudo é texto literário.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Macunaima**. São Paulo: Círculo do Livro.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BOJUNGA, Lygia. **O Rio e eu**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- CAL, Ernesto Guerra da. **Lengua y estilo de Eça de Queiroz**. Universidade, 1954
- COUTINHO, Afrânio (org). **Machado de Assis – Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 1985.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- LIMA, Mário Pereira de Souza. **Gramática expositiva da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1937.
- LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, Nilce Sant'Ana. **Introdução à estilística**. 2ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.
- NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Estudos gramaticais e filológicos**. Salvador: Livraria Progresso, vol.3, 1957.
- SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

